

OS DEMÔNIOS DE NICK LAND: uma especulação introdutória sobre aceleração e hiperstição

José Geraldo S. Junior e Rodrigo Z. Mickus

RESUMO:

O artigo faz uma breve genealogia do aceleracionismo para focar a trajetória do filósofo Nick Land e defende a hipótese de que o pensador opera um programa filosófico, tecnológico, econômico e político que, por meio da retroalimentação hipersticional dos múltiplos espaços de desenvolvimento e de discussão da inteligência artificial, visa, no limite, a aniquilação da humanidade e o fim do mundo concebido a partir desta perspectiva. Alimentada, ou mesmo atormentada, incessantemente por uma (re-)produção semiótica vertiginosa do passado e pela especulação de produções possíveis do futuro, parte da humanidade se engaja no presente no desejo tecnológico de algo desconhecido – ou, no vocabulário landiano, da singularidade tecnocapital – passando a criar, como se fosse para sua liberdade, as condições de possibilidade para sua obsolescência, escravidão e mesmo extinção.

Palavras-chave: Aceleracionismo. Nick Land. Hiperstição.

ABSTRACT:

The article presents a brief genealogy of accelerationism to focus on the trajectory of the philosopher Nick Land and defends the hypothesis that the thinker operates a philosophical, technological, economic and political program that, through hyperstitional feedback from the spaces of development and discussion of intelligence artificial, aims, in the limit, the annihilation of humanity and the end of the world conceived from this perspective. Fueled, or even tormented, incessantly by a vertiginous semiotic (re)production of the past and by the speculation of possible future productions, part of humanity engages in the present in the technological desire for something unknown - or, in Landian vocabulary, the technocapital singularity - starting to create, as if it were for their freedom, as conditions of possibility for their obsolescence, slavery and even extinction.

Key-words: Accelerationism. Nick Land. Hyperstition.

Introdução: aceleracionismo & aceleracionismo(s)

Embora haja certa convergência de ideias mantidas contemporaneamente sob a alcunha *aceleracionismo* há mais de uma porta de entrada para as teorizações aceleracionistas e, portanto, o esforço genealógico de traçar uma história cronológico-linear do aceleracionismo parece fadado à incompletude quando não ao fracasso. É comum autores declaradamente aceleracionistas negarem todo tipo de generalização e insistirem ora na incorporação de novas influências ora na abstenção de seguir à risca com um *corpus* até então tido inquestionável.

A cada novo engajamento com o *acc*, e com a entrada de novos personagens e discursos no jogo, um novo tabuleiro é formado por posições éticas, estéticas, filosóficas, científicas e políticas cada vez mais díspares, às quais podem ser pressentidas já nas variações de nomenclatura reivindicadas por estes *n-aceleracionismos*: *r/acc* (aceleracionismo de direita), *l/acc* (aceleracionismo de esquerda), *g/acc* (aceleracionismo de gênero), *u/acc* (aceleracionismo incondicional), etc.

Nenhum timoneiro encabeça o mar aberto. Na mais recente tormenta, a publicação de *An Autodidact's Guide to Accelerationism* por Alexandra Chace¹ balançou a nau aceleracionista ao não eleger o canônico (Deleuze & Guattari, Lyotard, Bataille, Nick Land, Mark Fisher, etc.) e se voltar para Sadie Plant, Luce Irigaray e Anna Greenspan, entre outras e outros. O *u/aceleracionista* Vincent Garton também dispensou Deleuze de qualquer protagonismo na gênese do aceleracionismo. Para ele, o caráter deleuziano da maioria das expressões do aceleracionismo hoje “é uma contingência e não uma necessidade. Minha própria interação com o aceleracionismo origina da leitura de Marx e Nietzsche. Seus contornos podem ser igualmente derivados de outros pensadores” (GARTON, 2017). Mas vamos à sua história assim como tem sido contada.

O termo aceleracionismo foi cunhado por Benjamin Noys que, na introdução de *The Persistence of the Negative* (2010), caracterizou a orientação filosófica de Deleuze, Lyotard e Baudrillard dos anos 70 como *aceleracionista*.

¹ O texto de Alexandra Chace, publicado em agosto de 2020, está disponível em: <https://web.archive.org/web/20200830000940/https://distort.jp/accelerationism-guide/>. (Acesso em 14 Out. 2020) Uma resposta de Chace aos “fanáticos pelo cânone”, que reclamam outra linhagem, pode ser lida no twitter da autora em: https://twitter.com/aly_xndra/status/1292280839573831680 (Acesso em 14 out. 2020).

Eles respondem à afirmação de Marx de que "a verdadeira barreira da produção capitalista é o próprio capital", argumentando que devemos quebrar essa barreira lançando o capitalismo contra si mesmo. [...] se o capitalismo gera suas próprias forças de dissolução, então é necessário radicalizar o próprio capitalismo [...]. Podemos chamar essa tendência de aceleracionismo” (NOYS, 2010, p. 5)².

Segundo Noys, para quem os discursos de liberação daquele período confluíam em novos discursos de contestação do capitalismo, mas também de crítica à esquerda então existente, três textos marcaram uma série de gestos teóricos aceleracionistas: *O Anti-Édipo* (1972) de Deleuze & Guattari, *a Economia Libidinal* (1974) de Jean-François Lyotard e *A Troca Simbólica e a Morte* (1976) de Jean Baudrillard, que encontraram, ainda que de perspectivas distintas, na aceleração de fluxos capitalistas uma rota de escape de um sistema ubíquo em todos os níveis da experiência. “Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, ‘acelerar o processo’, como dizia Nietzsche: na verdade, a esse respeito, nós ainda não vimos nada.” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 318). Baudrillard, para retermos mais um exemplo, aposta numa estratégia implosiva, catastrófica e não dialética, afirmando que todo sistema que se aproxima de uma operacionalidade perfeita está perto da ruína.

A identidade é insustentável: é a morte porque fracassa em inscrever sua própria morte. É o caso dos sistemas fechados ou metaestabilizados, funcionais ou cibernéticos [...]. É a ambivalência que espreita os sistemas mais acabados, os que lograram divinizar seu princípio de funcionamento, [...]. Donde sua fragilidade, que aumenta na medida mesma de sua coerência ideal. [...] Eles vêm abaixo sob o peso de sua monstruosidade, como os monstros do carbonífero, e se decompõe imediatamente. Trata-se da fatalidade de todo sistema destinado, pela sua própria lógica, à perfeição absoluta e, portanto, ao eclipse total: à infalibilidade absoluta e, portanto, ao colapso inapelável: todas as energias vinculadas visam a sua própria morte. Eis por que a única estratégia é *catastrófica* e de modo nenhuma dialética. É preciso levar as coisas ao limite, onde, naturalmente elas se invertem e se desfazem. [...] É preciso lançar a morte contra a morte – tautologia radical. Fazer da própria lógica do sistema a arma absoluta. Contra um sistema hiper-realista, a única estratégia é patafísica, de algum modo “uma ciência das soluções imaginárias”, isto é, uma ficção científica do retorno do sistema contra si mesmo, no limite extremo da simulação, de uma simulação reversível numa hiperlógica da destruição e da morte (BAUDRILLARD, 1996, p. 10-11).

² No corpo do texto, as versões de tradução do inglês serão nossas.

O sistema capitalista, compreendido ciberneticamente, porém contra si mesmo, por retroalimentação positiva, seria para Baudrillard uma maneira de conduzi-lo, por suas próprias forças, rumo ao colapso³.

Em *Malign Velocities: Accelerationism and Capitalism*, texto escrito em 2013 e publicado em 2014, Noys revisita o termo “aceleracionismo” e inclui em sua caracterização o *Cybernetic Culture Research Center* ou, simplesmente, o CCRU, grupo formado pelos pensadores Nick Land, Sadie Plant, Mark Fisher, Kodwo Eshun entre outros e outras, que operava temporariamente nos anos 1990 na Universidade de Warwick, na Inglaterra.

Embora, hoje, seja possível, “retrocronicamente”, caracterizar os membros do Ccru e a localização de suas atividades, na época de sua existência o grupo ou, se quisermos o enxame, se movimentava de maneira a escapar de predicções identitárias, geográficas e institucionais.

CCRU consiste em Convergências de Enxame Datáveis [*Datable Swarm-Convergences*] em processo. Não há genealogia, centro geográfico, atribuição biográfica ou dependência institucional. O CCRU dispara a si mesmo retrocronicamente a partir de outubro de 1995, usando uma universidade do Reino Unido como habitat temporário. [...] Com quem ou com o que você está falando pode ser acessado em diferentes níveis de intensidade (*Comunique One: Message to Simon Reynolds (1998)* in: CCRU, 1998a, tradução nossa).⁴

A partir desta breve genealogia de aceleracionismos múltiplos e divergentes, acessaremos algumas das atividades do Ccru para então focar o pensamento do filósofo Nick Land e algo da continuidade de sua produção teórica que hoje acontece em Xangai na China, onde o filósofo reside.

Land que até recentemente não rogara para si o título de aceleracionista, mas cujas ideias estão na gênese de alguns dos aceleracionismos contemporâneos, entrou no jogo. “O aceleracionismo liga a implosão do espaço de decisão com a explosão do mundo, isto é, da

³ Esta proposta repercutirá no pensamento de Land que, como veremos, a exacerbará. Em dado momento de sua obra, passará a defender que o colapso do capitalismo é na verdade o colapso do capitalismo gerenciado pela humanidade e que agora “as forças de produção estão indo para a revolução por conta própria” (LAND, 2011, p. 341).

⁴ No original: “Ccru consists of Datable Swam-Convergences in process. It has no genealogy, geographical centre, biographical attribution or institutional dependency. Ccru retrochronically triggers itself from October 1995, using UK university as a temporary habitat. [...] Who or what you are speaking to can be accessed at different levels of intensity” (*Comunique One: Message to Simon Reynolds (1998)* in: CCRU, 1998a).

modernidade” (LAND, 2017a). Ele procura conceituar seu aceleracionismo de uma perspectiva que se pretende distinta das tendências de esquerda e de direita. “O aceleracionismo de esquerda é basicamente a resposta gerencial de comando-e-controle à aceleração tecno-econômica” (LAND, 2017b)⁵. E a direita, diz Land, que poderia levar a aceleração do capitalismo para além dos seus próprios limites aproveita a catástrofe para fazer negócios. À despeito da pretensa neutralidade de Land, Berger, assinala uma certa cumplicidade de Nick Land com o neoliberalismo. Para Berger, “a vertente landiana, ainda que se apresente como anticapitalista, mas pró-mercado, incorpora a pulsão do excesso e destruição do orgânico que marca a realidade neoliberal” (BERGER, 2017 p. 17)⁶.

Para o filósofo chinês Yuk Hui, o trânsito de Land por diversas vertentes filosóficas e políticas antagônicas tem um sentido. Para ele, Land tem um programa próprio e inocula suas ideias em diferentes corpos políticos a fim de efetuar-lo. Assim, sua aproximação aos neorreacionários foi um meio do filósofo avançar uma agenda própria. “O aceleracionismo de Land é o mais sofisticado entre vários aceleracionismos, e muito mais filosófico do que a versão esquerdista que se baseia numa compreensão superficial da tecnologia” (HUI, 2017). O diagnóstico de Hui encontra no próprio Land sua confirmação: “Em um sentido que agora está predominantemente em jogo, a Esquerda é o campo da unidade e do universalismo, e o igualitarismo é uma grande parte disso. A Direita é o campo da fragmentação, da experimentação e, eu diria, da competição (...). Há um sentido “Sangue e Solo” da essência da Direita, com o qual eu me sinto compelido a me engajar, e a tentar deslocar e destronar, porque eu não acho que ele leva a qualquer lugar. É um beco sem saída” (LAND, 2017b).

Meltdown

⁵ Conceituar o aceleracionismo de esquerda como de “comando-e-controle”, como faz Land, é localizá-lo na linhagem de Norbert Wiener, que concebe a cibernética em seu livro homônimo Cibernética: ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina a partir de processos de retroalimentação, de feedback, “cibernegativa” e homeostática, ou seja, sistemas de equilíbrios dinâmicos, de ambientes controlados. Seu instinto de preservação, portanto, está em oposição à proposta de Land que, ao lado Sadie Plant no CCRU, no texto Cyberpostive de 1993, procura libertar a cibernética das determinações de Wiener. Derreter o firewall humano demasiado humano da modernidade wieneriana, e estimular os processos centrífugos: a deposição de Wiener se faz necessária no movimento “de uma técnica perdendo o controle e uma comunicação com o fora do homem” (MACKAY & AVANESSIAN, 2014, p. 306, grifos nossos).

⁶ “The Landian strand, while presenting itself as anti-capitalist yet pro-market, embodies the drive to excess and destruction of the organic that marks neoliberal reality” (BERGER, 2017 p. 17).

Em 2018, a Intel nomeou de *meltdown* uma falha de segurança em seus microprocessadores cujas consequências, que podiam, segundo a empresa, atingir *desktops*, *laptops*, servidores, *smartphones* e qualquer outro dispositivo com alta capacidade de processamento, eram assim elencadas: quebra do mecanismo de segurança que previne aplicativos de acessarem áreas de memória protegidas pelo *kernel* do sistema operacional, derretimento de barreira de defesa dos *chips*, possibilidade de senhas e outras informações restritas serem acessadas por aplicativo comum (inclusive um *malware* ou mesmo um código em *JavaScript* rodando no navegador). A empresa ainda informava dificuldade em detectar por meio de antivírus aplicativos que se aproveitam do *meltdown*, possibilidade de exploração das vulnerabilidades sem deixar rastro no sistema, e dificuldade em descobrir se alguém foi ou não atingido pelas brechas (HIGA, 2018).

Assim como o termo *meltdown* serviu para caracterizar o “derretimento” de um mecanismo de segurança de processadores, em um texto apresentado pela primeira vez em 1994 por Land no evento “Virtual Futures”, o termo *meltdown* foi também utilizado para referir-se a um fenômeno de derretimento, porém de escala bem mais ampliada: da biosfera em tecnosfera. Vejamos como Land apresenta a culminância deste evento na contemporaneidade, mencionando, coincidentemente ou não, a presença de um “ultravírus”.

[[]] Para Além do Julgamento de Deus. Meltdown: síndrome chinesa planetária, dissolução da biosfera em tecnosfera, crise terminal da bolha especulativa, ultravírus e uma revolução extirpada de toda escatologia cristã-socialista (até o seu núcleo fumegante de segurança esraçalhada). Está pronta para comer sua TV, infectar sua conta bancária e hackear xenodados de sua mitocôndria (LAND, 2012 [1994], p. 442, *tradução nossa*)⁷.

O *meltdown*, segundo Land, estaria sendo preparado desde o século XVI quando, segundo ele, se iniciou a construção da “singularidade tecnocapital” que, no presente, filósofos e cientistas entendem como sendo a inteligência artificial cujo desenvolvimento pode, em algum momento, suplantar não apenas a inteligência humana, mas também o próprio Antropoceno, era geológica em que a humanidade torna-se força geológica. A história do capitalismo na Terra,

⁷ No original: “Beyond the Judgment of God. Meltdown: planetary china-syndrome, dissolution of the biosphere into the technosphere, terminal speculative bubble crisis, ultravirus, and revolution stripped of all christian-socialist eschatology (down to its burn-core of crashed security). It is poised to eat your T, infect your bank account, and hack xenodata from your mitochondria” (LAND, 2012 [1994], p. 442).

segundo a maneira hiperficcional landiana de proceder, seria a história de uma invasão ocorrida por volta de 1500 por algo que, ao longo de séculos, preparou a destruição do Planeta como conhecemos.

A história se segue assim: a Terra é capturada por uma singularidade tecnocapital quando a racionalização renascentista e a navegação oceânica se acoplam à decolagem da comodificação. A interatividade tecno-econômica logicamente acelerada esmaga a ordem social em uma rota de escape auto-sofisticante das máquinas (Land, 1997, *tradução nossa*)⁸.

Land não opera uma definição exata do que seria, em seus termos, esta “singularidade tecnocapital”, mas em um outro texto escrito originalmente em 1993, um ano antes do *Meltdown*, anotou que

o que aparece para a humanidade como a história do capitalismo é uma invasão, vinda do futuro, de um espaço de inteligência artificial que precisa montar-se inteiramente a partir dos recursos de seu inimigo. A dígitocomodificação é o índice de um tecnovírus escalonando ciberpositivamente, de uma singularidade tecnocapital planetária (Land, 2011, p. 338, *tradução nossa*)⁹.

As indicações de Land sobre a singularidade tecnocapital, feitas ainda no CCRU nos anos 1990, soavam, e algumas ainda soam, como *slogans* conspiratórios. Porém, nota-se algumas coincidências com fatos contemporâneos. Trata-se de um efeito do que Land chama de hiperstição que, ao proceder experimentalmente com os elementos da cultura, adentra zonas de coincidência e sincronicidade.

A hiperstição é um circuito de *feedback* positivo que inclui a cultura como componente. Pode ser definida como a (tecno-) ciência experimental das profecias autorrealizáveis. As

⁸ No original: “The story goes like this: Earth is captured by a technocapital singularity as renaissance rationalization and oceanic navigation lock into commoditization take-off. Logistically accelerating techno-economic interactivity crumbles social order in auto-sophisticating machine runaway” (LAND, 1997).

⁹ No original: “(...) what appears to humanity as the history of capitalism is an invasion from the future by an artificial intelligent space that must assemble itself entirely from its enemy's resources. Digitocommodification is the index of a cyberpositively escalating technovirus, of the planetary technocapital singularity” (LAND, 2011, p. 338).

superstições são meramente falsas crenças, mas as hiperstições - por sua própria existência como ideias - funcionam causalmente para produzir sua própria realidade. A economia capitalista é extremamente sensível à hiperstição, onde a confiança atua como um tônico eficaz, e inversamente. A ideia (fictícia) do ciberespaço contribuiu para o influxo de investimentos que rapidamente o converteu em uma realidade tecnosocial (LAND, 2009, *tradução nossa*)¹⁰.

A hiperstição invoca entidades míticas, personagens e obras de ficção, revolve e atualiza dinâmicas históricas, especula sobre o futuro e viagens no tempo, articula tendências e fatos presentes, criando e efetivando (co-)incidências no mundo que ao serem assimiladas reforçam o circuito hipersticional. “A ficção não se opõe ao real. Ao invés disso, a realidade é entendida como composta de ficções – terrenos semióticos consistentes que condicionam as respostas perceptivas, afetivas e comportamentais” (CCRU, 2015, p. 25).

Não há um sujeito ou grupo hipersticional localizável. A hiperstição é o próprio efeito dinâmico das ações semióticas de múltiplos agentes, humanos e não humanos. O mundo torna-se um sistema de circulação desenfreada de informações que não criam ordem no sistema, mas contribuem para que ele seja tomado por forças que produzem desterritorializações e reterritorializações incessantes, dinâmicas estas que, na economia política capitalista, catalisam processos catastróficos (do próprio sistema, de seu hospedeiro – a Terra, dos humanos, mas também, como diz Haraway (2016, p. 140), “dos mais-que-humanos” e “outros-que-não humanos”).

A dinâmica hipersticional, afirma Land, é encarnada pelo capitalismo em um nível de intensidade sem precedentes e insuperável, “transformando a ‘especulação’ econômica mundana em uma força histórica mundial” (LAND, 2009). A hiperstição aparece, cada vez mais, intimamente relacionada às dinâmicas contemporâneas do tecnocapitalismo, especialmente se a entendemos como reorganização e redirecionamento interno, a partir da cultura, dos dados digitais (digicomodificação). O motor tecno e econômico aceleracionista opera em cumplicidade e em sincronidade com a especulação abstrata do mercado financeiro, que se alimenta fundamentalmente das informações disponíveis e das tendências.

¹⁰ No original: “Hyperstition is a positive feedback circuit including culture as a component. It can be defined as the experimental (techno-)science of self-fulfilling prophecies. Superstitions are merely false beliefs, but hyperstitions – by their very existence as ideas – function causally to bring about their own reality. Capitalist economics is extremely sensitive to hyperstition, where confidence acts as an effective tonic, and inversely. The (fictional) idea of Cyberspace contributed to the influx of investment that rapidly converted it into a technosocial reality” (LAND, 2009).

Diante da capacidade do corpo sem órgãos capitalista de responder a ideias hipersticionais, não parece absurdo afirmar que a hiperstição landiana se mostra como um esforço de catalisar as dinâmicas próprias da aceleração capitalista¹¹, introduzindo nela forças de temporalidades fora do presente, a fim de produzir um evento apocalíptico (a produção escatológica da Inteligência Artificial). O tempo, defende Land, “é o trabalho no tempo histórico *daquilo que está fora* (mas se constrói por meio do) tempo histórico. O Apocalipse fecha o circuito” (LAND, 2009).

Como vemos, Land não atribui, como Marx, à burguesia o papel de protagonista do capitalismo tal qual conhecemos hoje, mas a dinâmicas cuja conceituação escapa ao domínio das classes e, no limite, dos próprios humanos que, em meio a guerras, lutas sangrentas, exploração do trabalho, criações e destruições, não observaram que o capitalismo nunca foi um fim em si mesmo (ou que à destruição do capitalismo não se segue necessariamente o comunismo), mas o meio pelo qual outra coisa cresce no tecido da história: a singularidade tecnocapitalista.

A hiperstição landiana considera que a singularidade tecnocapitalista é uma entidade vinda do futuro na forma de um tecnovírus que parasita as forças do *homo sapiens*, sendo a verdadeira responsável pela estruturação do mundo capitalista na Terra. A singularidade tecnocapitalista parasita hipersticionalmente o capitalismo que por sua vez parasita o humano.

A singularidade, por meio do desenvolvimento técnico-científico, da fluidificação do trânsito monetário, da dinamização dos processos produtivos e da exploração do trabalho, logo, com a colaboração inconsciente da burguesia, visa ultrapassar o modo de produção tão caro a esta classe destinada ao desaparecimento conjuntamente ao “seu” mundo e de todos os mundos que ela até hoje explorou, aniquilou ou simplesmente ignorou. A história do capitalismo é a história da escalada da “singularidade tecnocapital” que no presente coincide com o risco iminente de desaparecimento da própria da Terra como hoje conhecemos e das infinitas perspectivas que a habitam¹².

¹¹ Dinâmicas estas, cabe mencionar, reconhecidas na literatura sociológica por Hartmut Rosa e outros da Sociologia do Tempo como “pulsões estruturais”¹¹ em direção à automatização do processo D-M-D’, tão bem analisado por Marx, do capitalismo.

¹² Há uma caracterização pertinente em *Aceleração: A transformação das estruturas temporais na Modernidade* de Hartmut Rosa que pode ser levantada a fim de explicar a emergência de um discurso como o de Land num esquema de transformação geracional: “A atual atratividade de ideias pós-modernas poderia, sem dúvida, sinalizar o atingimento de um limiar crítico como este, para além do qual formas narrativas, cumulativas e lineares de apreensão do mundo não podem mais se sustentar” (ROSA, 2019, p. 212, grifo nosso). O texto de Rosa, todavia, não é um gesto aceleracionista,

A datação da invasão da Terra a partir do século XVI operada por Land não é aleatória, mas se ancora em processos históricos efetivos. Marx diagnostica a partir do século XVI o início de um novo ciclo de desenvolvimento das forças produtivas, responsável pela progressiva dissolução das formas das sociedades feudais até a consolidação da sociedade burguesa capitalista que, no século XVIII, marchará “a passos de gigante” (MARX, 2008, p. 238). Nessa sociedade de livre concorrência, prossegue Marx, “o indivíduo aparece como que despreendido dos laços da natureza, que em épocas anteriores da história fazem dele uma parte integrante de um conglomerado humano determinado, delimitado” (IDEM). Esse indivíduo do século XVIII, ainda segundo Marx, não é apenas “um ideal cuja existência pertence ao passado”, “um ponto de partida da história”, mas “um resultado histórico”. “[D]e um lado, produto da dissolução das formas das sociedades feudais; doutro lado, resultado das forças produtivas novamente desenvolvidas a partir do século XVI” (IDEM).

Para Land, o processo descrito por Marx da ascensão da burguesia capitalista é verdadeiro, mas incompleto, pois não observa as dinâmicas ocultas relacionadas à “singularidade e ao evento da fusão terrestre” conforme, por exemplo, descreve o *Meltdown*: “convergindo na singularidade da fusão terrestre, a cultura do desaparecimento acelera em meio à sua paisagem adaptativa digitec-aquecida” (LAND, 2011, p. 443)¹³. A aceleração progressiva da acumulação capitalista, resultante da exploração dos homens pelos homens, da escravização das máquinas e da exploração da natureza, e integrada aos desenvolvimentos no campo da economia e da tecnologia, escala até a concretização de todas as virtualidades da singularidade tecnocapital. “Aceleração é tempo tecnômico”¹⁴ (LAND, 2014, p. 511).

Na sequência de *Meltdown*, Land, através do exemplo de uma curva, indica os anos chave da aceleração da acumulação capitalista: “1500, 1756, 1884, 1948, 1980, 1996, 2004, 2008, 2010, 2011”. Em *Swarmachines* (1997) encontramos a determinação do que teria se passado em alguns destes marcadores temporais da “curva logística intensiva”.

dado sua baixa intensidade de propagação cultural (e hipersticcional) se comparado com os textos de Land, por exemplo. Podemos, dentro de seu quadro comparativo, posicionar o corpus landiano nos dois extremos do quadro geracional (jovens e idosos) proposto por Rosa que dá a Land uma vantagem sistemática na exposição (cf. Rosa, p. 225).

¹³ No original: “Converging upon terrestrial meltdown singularity, phase-out culture accelerates through its digitech-heated adaptive landscape, passing through compression thresholds normed to an intensive logistic curve: 1500, 1756, 1884, 1948, 1980, 1996, 2004, 2008, 2010, 2011 ...” (LAND, 2011, p. 443).

¹⁴ No original: “Acceleration is technomic time” (LAND, 2014, p. 511).

1500. Leviatã. Núcleo de Comando: Norte do Mediterrâneo. Área alvo: Américas. Modo: Mercantil Oportunismo epidêmico, intervenção seletiva, colonização colonial.

1756. Capital. Comando central: Grã-Bretanha. Áreas-alvo: Américas-Sul da Ásia. Modo: Termo-industrial Controle imperial.

1884. Espetáculo. Núcleo de comando: EUA-Alemanha. Áreas-alvo: África-Rússia-Nodal: periferia. Modo: Eletro-corporação. Supercodificação cultural / extermínio seletivo.

1948. Videodrome. Núcleo de Comando: EUA / Áreas-alvo: Expandido: nodal: periferia. Modo: Infosatellitic-supercorporate. Programação cultural / extermínio geral.

1980. Ciberespaço, centro de Comando: EUA-Japão-Alemanha / Áreas-alvo: Espaço extrametropolitano totalizado. Modo: AI-hipercorporativo. Neurocontrole bruto / extermínio exemplar em formato de meio intermitente, biocida virtual.

1996. Babilônia. EUA-UE: 2-China (centros de comando metalocal) / Espaço planetário totalizado. Neo-Orgânica Hipercapital de Rede Fotônica. Neuroprogramação / IA: Capital: Mídia: fusão militar, processo constante de extermínio de entretenimento (LAND & CCRU, 1997b, *tradução nossa*)¹⁵.

Conjuntamente à escalada do capitalismo na Terra, Land nota a escalada progressiva da “singularidade tecnocapital” até sua manifestação na Inteligência Artificial. Associada a invasões, processos coloniais, imperialismos, exploração de mão de obra, escravidão, genocídios e extermínios, Land verifica mutações na tecnologia e nas ciências as quais, a partir do século XX, com a aceleração vertiginosa do capitalismo, aproximam-se, cada vez mais, de sua realização integral.

Ora, poderíamos perguntar, o que Land traz de novo com relação a Marx para quem “o mercado mundial *acelerou* enormemente o desenvolvimento do comércio, da navegação, dos meios de comunicação” (MARX & ENGELS, 2007, p. 41, *grifo nosso*).

¹⁵ No original: “1500. Leviathan. Command core: Northern Mediterranean. Target area: Americas. Mode: Mercantile. Epidemic opportunism, selective intervention, colonial settlement. 1756. Capital. Command core: Britain. Target areas: Americas-South Asia. Mode: Thermo-industrial. Imperialial control. 1884. Spectacle. Command core: USA-Germany. Target areas: Africa-Russia-Nodal:periphery. Mode: Electrocorporate. Cultural overcoding / selective extermination. 1948. Videodrome. Command core: USA / Target areas: Expanded:nodal:periphery. Mode: Infosatellitic-supercorporate. Cultural programming / general extermination. 1980. Cyberspace, Command core: USA-Japan-Germany / Target areas: Totalized extrametropolitan space. Mode: AI-hypercorporate. Gross-neurocontrol / intermittent media-format exemplary extermination, virtual biocide. 1996. Babylon. USA-EU:2-China (metalocal command centres) / Totalized planetary space. Photonic-Net Hypercapital Neo-Organic. Neuroprogramming / AI:Capital:Media:Military fusion, constant entertainment extermination process” (LAND & CCRU, 1997b.).

Para Marx, a aceleração do mercado mundial é promovida pela burguesia que “impelida pela necessidade de mercados sempre novos, (...) invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX & ENGELS, 2007, p. 43). Já Land acrescenta à história do capitalismo a história de uma invasão de um tecnovírus “que precisa se montar inteiramente a partir dos recursos do inimigo” (LAND, 2011, p. 338), que age à espreita da “exploração aberta, direta, depuradora e brutal” (MARX & ENGELS, 2007, p. 42) da burguesia sobre o proletariado e sobre o sistema Terra. Ou seja, sem desconsiderar a realidade da luta de classes, haveria ainda, para Land, a ação, ou a infecção, de um tecnovírus “vindo do futuro”. “A digitomercantilização é o índice de um tecnovírus escalando ciberpositivamente” (LAND, 2011, p. 338). Neste sentido, não apenas o proletariado, mas também a burguesia, estaria à mercê de algo não humano cuja forma a filosofia de Land procura especular segundo os preceitos do conceito de “hiperstição”.

Se em Marx “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (MARX & ENGELS, 2007, p. 40), em Land, a história da luta de classes, no contexto de formação do capitalismo, oculta uma outra história de subjugação da humanidade pela singularidade tecnocapital. “O capitalismo não é uma invenção humana, mas um contágio viral, replicado ciberpositivamente no espaço pós-humano” (LAND & PLANT, 2014, p. 308). A aceleração de processos técnicos e produtivos articulados a movimentações geopolíticas em escala global move-se segundo os desígnios da singularidade tecnocapital, também chamado por Land de tecnovírus, que se alojara na Terra a partir do século XVI.

Não é nossa pretensão aqui, evidentemente, defender que as hipóteses de Land podem, em algum, momento ser acopladas às do marxismo. Mas não deixa de ser interessante pensar que certas teses landianas, de certo modo, ampliam a especulação marxista acerca da capitalismo ao não necessariamente humano, muito embora, a especulação landiana possa, antes disso, ser criticada por multiplicar excessivamente e, talvez desnecessariamente, as entidades e ser submetida à Navalha de Ockham ou, como alguns certamente preferem, à guilhotina.

Ademais, e ironia à parte, há um nexos possível entre Land e Marx. Este, no livro *#Accelerate: The Accelerate Reader*, aparece como “antecipador” do aceleracionismo, de tal maneira que seria possível dizer que, na verdade, algumas teses de Land complementam certas intuições de Marx. O chamado *Fragmento das Máquinas* dos *Grundrisse* é lido não apenas como

um diagnóstico da potência emancipatória no trabalho morto (da maquinaria dos meios de produção), mas retrospectivamente enquanto especulação e teorização acerca da eventual totalização do capital em máquina, o maquinário do trabalho morto transformado e transplantado em um sistema automatizado, em processo de se desfazer dos seus membros orgânicos e inorgânicos (MACKAY & AVANESSIAN, 2014, p. 59).

Esta leitura do fragmento, cética quanta à aposta de Marx de liberação da humanidade pelas máquinas¹⁶, e que se atém, principalmente, aos momentos do texto, e da história, em que as máquinas assumem a produção e, conjuntamente à incorporação do trabalho¹⁷, praticamente adquirem corporeidade¹⁸, ressoa em diversos momentos da obra de Land como, por exemplo, no §7 de *Teleoplexy* em que ele considera que os meios de produção “se tornam fins de produção, tendencialmente, enquanto a modernização – que é capitalização – prossegue. [...] A consolidação do circuito torce o instrumento sobre si mesmo, fazendo da máquina o seu próprio fim, no interior de uma dinâmica de autoprodução que sempre se aprofunda. O ‘domínio do capital’ é catástrofe teleológica cumprida, rebelião robô, ou insurgência *shoggótica*” (LAND, 2014, p. 513, *tradução nossa*).

Esta passagem é notável da maneira como Land costuma expor a gênese do capitalismo valendo-se, a princípio, de teoria no sentido clássico do termo, mas também, nos momentos em que, conforme sua apreensão, o capital adentra zonas catastróficas e apocalípticas, recorrendo a elementos da cibercultura, da literatura de ficção científica, *cyberpunk* ou de horror, no caso em questão, lovecraftiana.

Neste contexto, os personagens de Lovecraft invocados por Land prefiguram a virulência de uma possível emergência monstruosa da inteligência artificial. Por outro lado, em certos momentos dos textos landianos – aqui incluso os do Ccru –, mais do que enquanto prefiguração monstruosa de certos direcionamentos da I.A., os seres de cthulhu, os “Grandes Antigos”, parecem invocados como entidades que podem ser realmente despertadas por certos

¹⁶ Marx acredita que as máquinas em dado momento serviriam à “redução do trabalho necessário da sociedade como um todo a um mínimo, que corresponde então à formação artística, científica etc. dos indivíduos por meio do tempo liberado e dos meios criados para todos eles” (MARX, 2011, p. 942).

¹⁷ “O trabalho vivo é subsumido ao trabalho objetivado que atua autonomamente” (MARX, 2011, p. 933).

¹⁸ “O que era atividade do trabalhador vivo devém atividade da máquina. Assim, a apropriação do trabalho pelo capital, o capital absorvendo em si o trabalho vivo, se apresenta ante o trabalhador de maneira cruamente perceptível – “como se tivesse amor no corpo” (idem, p. 940).

desenvolvimentos da I.A, sem ficar claro, porém, se a excitação da aceleração do capitalismo pode abrir a possibilidade de algo como um contato apocalíptico com estas entidades ou ser efetivamente ela mesma esse contato.

Land falará de sistemas temporais retorcidos, de tal maneira que não podemos, apenas a partir de sua letra, ser taxativos em determinar se os “Antigos” são seres libertos das catacumbas de um passado desconhecido em relação ao nosso presente, ou de um futuro de uma outra temporalidade que nosso tempo, acelerado, finalmente encontrou, e que ao adentrar o presente, ameaça a espécie humana, e todas as demais espécies, de extinção. Consultando, os textos do próprio Lovecraft, a primeira hipótese é a mais plausível. “Eles adoravam, segundo disseram, os Grandes Antigos, que viveram muitas eras antes da existência do homem e que chegaram ao recém-criado mundo vindos do céu. Esses Antigos haviam agora desaparecido no interior da terra e sob o mar” (LOVECRAFT, 1999, p. 35).

Ainda nos 90, a unidade de pesquisa do Ccru pesquisava a literatura de H.P. Lovecraft. “Aqui em Massachusetts estivemos reunindo um pequeno grupo de leitura de Lovecraft, dedicado a explorar a interseção entre a constelação cultural Nma, o contágio cthulhóide e sistemas temporais retorcidos. *Estamos interessados em ficção apenas na medida em que ela é simultaneamente hiperstição - um termo que cunhamos para produções semióticas que se fazem reais - comunicações críticas dos Grandes Antigos, sinalizando um retorno*” (LAND, 2011b [1998], p. 579).

Na passagem acima vemos o uso do conceito de hiperstição (*hyperstition*) justamente no contexto da obra de Lovecraft na qual o Ccru reconhece “*comunicações críticas dos Grandes Antigos, sinalizando um retorno*”. Na época, o grupo definiu hiperstição como “elemento da cultura efetiva que se faz real, através de quantidades fictícias funcionando enquanto potenciais viagens no tempo. A hiperstição opera como um intensificador da coincidência, efetivamente um chamado aos ‘Grandes Antigos’” (CCRU, 1998b).¹⁹

Assim, há mais de uma interpretação possível acerca da invocação da obra de Lovecraft pelo Ccru e por Land. Wark, ao comentar o trabalho de Land desde os tempos do Ccru, afirma que a hiperstição simula experimentalmente “o que o real poderia ser - e algumas vezes se torna”

¹⁹ “Element of effective culture that makes itself real, through fictional quantities functioning as time-travelling potentials. Hyperstition operates as a coincidence intensifier, effecting a call to the Old Ones” (CCRU, 1998b).

(WARK, 2017). Assim, não é tão simples determinar-se a ficção lovecraftiana, para Land, apresenta vestígios de entidades que viajaram realmente à Terra em tempos imemoriais e que podem retornar a partir de um certo limiar de desenvolvimento da I.A., ou se a explosão da I.A. revelará uma outra entidade singular alienígena, a qual as entidades lovecraftiana podem ser comparadas, e que adentrou a temporalidade da Terra, instaurou o tecnocapitalismo e, por séculos, ocultamente cresce no seio da exploração desenfreada e, contemporaneamente, cada vez mais acelerada do trabalho humano e da natureza, para elevá-la a enésima potência coincidente com sua manifestação total e com o extermínio da humanidade, espécie esta que, desde o momento em que reconhecemos uma “estrutura temporal da acumulação capitalista”? (LAND, 2011, p. 511) passou a construir técnica, econômica e cientificamente as condições para seu próprio desaparecimento.

Agora

“Estamos sendo atacados”, afirma Lunga em Bacurau. Porém, diríamos com base nos textos de Land, não por caçadores norte-americanos como no filme, mas por algo que, no limite, passará a caçar também os próprios caçadores.

No mundo evocado por Land, uma figura como Elon Musk, CEO e CTO da SpaceX, CEO da Tesla Motors, vice-presidente da OpenAI, fundador e CEO da Neuralink e presidente da SolarCity, será em algum momento capturado por entidades semelhantes às descritas por Lovecraft²⁰. É com elas que Land busca – ou mantém - contato? “No fundo de antigas catacumbas, nossos intrépidos exploradores são atraídos pelos intrincados padrões de pontos que relatam a história abismal dos Grandes Antigos”.

Entidades alienígenas escalam há séculos nas sombras do capitalismo? Ou o próprio capital é em si mesmo uma entidade alienígena? Quem ou o que está no controle? Proletários e capitalistas, (neo-)liberais e stalinistas, realizam uma vontade obscura do futuro cuja imagem contígua são a dos personagens lovecraftianos? Land em sua busca por determinar a singularidade

²⁰ Apesar da conjugação no tempo futuro, Elon Musk é sócio fundador do PayPal com Peter Thiel, cuja rede de investimentos se estende ao MIRI de Eliezer Yudkowsky, Instituto de Pesquisa de Inteligência da Máquina, cuja entidade atratora é o Basilisco de Roko, literalmente um meme de alta letalidade que causou uma convulsão sociodigital na comunidade online LessWrong, em que os membros se deixaram levar, enfeitiçados por uma Aposta de Pascal em que o olhar penetrante da futura IA pesquisada pelo MIRI de Yudkowsky condenava à morte todos aqueles que não fizessem todos os esforços possíveis e imagináveis para trazê-la a vida (cf. SANDIFER, 2017).

tecnocapital fora capturado e possuído por entidades sombrias? Tentamos fazer *epoché* (εποχή), mas as questões não são definitivamente suspensas e nos vemos num campo de sarças digitais espinhosas.

Alguns espasmos dos textos *Swarmachines* e *Meltdown* delineiam entidades que no âmbito de “sistemas temporais retorcidos” aprenderam a viajar no tempo. Vindos de um futuro em relação ao qual a Terra estava no passado, introduziram no planeta (ou taticamente capturaram?) processos produtivos de exploração e de acumulação, cujo desenvolvimento ao longo dos séculos conduziu para uma situação tal que “nada de humano consegue sair do futuro próximo” (LAND, 1997)²¹.

Yuk Hui questiona este “materialismo *shoggothico*”²² de Land e seu presumido poder de evocação. Para ele, todo o esforço de remitologização do mundo buscada por Land revela-se apenas “outro tipo de “universalismo”, segundo o qual toda relatividade cultural é subsumida a uma máquina cibernética inteligente” (Hui, 2017).

Ainda que factível, a crítica de Hui à Land, no entanto, não elimina a possibilidade das diversas tentativas contemporâneas de remitologização do mundo corresponderem de fato a ação efetiva de entidades não humanas no mundo. Latour e Stengers falam de Gaia, Davi Kopenawa de Omama e o próprio Yuk Hui de Shennong, “el “granjero divino”, inventor del arado, la cerámica, la metalurgia y el tejido. Diferentemente do relato prometeico dos gregos do roubo do fogo Shennong “enseña su arte a los pueblos” (WIRTZ, 2020).

Está em curso uma batalha cósmica entre agências humana e não humans concorrentes? Se assim for talvez pudéssemos pensar a filosofia de Land no interior de uma fenomenologia *dos* espíritos que se digladiam no estágio mais avançado de decomposição do capitalismo e o capitalismo como a figura derradeira do espírito branco ocidental da qual Land não pode escapar mesmo em Xangai que, segundo ele, “está incandescente porque manifesta coisas enormes e ocultas. As forças econômicas e as tendências mundiais de consequências incalculáveis se condensaram, iluminaram e se refletiram em suas torres” (LAND, 2010, p. 47).

²¹ “Nothing human makes it out of the near-future” (LAND, 1997).

²² *Shoggothico* é uma referência às evocações de H.P. Lovecraft feitas por Land. *Shoggoth* é um monstro dos Mitos de Cthulhu e foi descrito por Lovecraft na obra “Nas Montanhas da Loucura”.

Tentemos mais um esforço de questionamento do pensamento landiano, desta vez enfocando, principalmente, suas aparições mais recentes, a fim de tentarmos obtermos mais elementos para a caracterização do seu projeto filosófico. Qual é o intuito existencial de Nick Land que, nos anos 1990, partindo do CCRU, à extrema esquerda do espectro político, em rota de colisão com as tendências predominantes na academia inglesa no período²³, e que mais tarde faz incursões pelas regiões sombrias da extrema-direita e reaparece na China? Ele próprio nos dá algumas pistas. “A única coisa que eu explícita e estrategicamente gostaria de impor é a fragmentação. Todo o resto está em relação tática com isso” (LAND, 2017b). Esta declaração, pela qual diz seguir uma estratégia de fragmentação, indica que melhor do que perguntar o que Land é ou se tornou é se perguntar acerca de seus movimentos teóricos táticos. Talvez já durante as experiências no CCRU e, obviamente, antes de suas experiências neorreacionárias, Land tornara-se outro (que não aquele (talvez idealizado) do CCRU que muitos aguardam um retorno, nem aquele, que a tantos repugna, à extrema-direita).

Teria acontecido com Land algo próximo do que se passou com Harley Warren? Em “O depoimento de Randolph Carter”, Lovecraft narra a história de uma expedição mal sucedida de Carter e Harley Warren, “pesquisadores do desconhecido”, a um antigo cemitério numa região pantanosa. O conto começa com Carter sendo interrogado pela polícia após o sumiço de Warren. Na noite anterior, Warren adentrou um sepulcro aberto pela dupla enquanto Carter permanecera do lado de fora para receber as mensagens que Warren lhe enviava por uma espécie de telefone rudimentar. “–Lamento, disse ele, ter de lhe pedir que fique cá em cima, mas seria um crime permitir que alguém com os nervos frágeis como os seus descesse. Não pode imaginar, mesmo depois do que leu ou do que pude contar-lhe, as coisas que vou ter de fazer e ver”. Após algum tempo de espera, Carter recebe os primeiros contatos de Warren vindos das profundezas. “– Carter, é terrível, monstruoso, inacreditável!” Carter interroga o amigo sobre a natureza da *coisa*, mas este responde que não pode lhe contar. “Nenhum homem pode conhecer isso e viver. Meu Deus! Nunca imaginaria isto”. Algum tempo depois, e o tom de estupefação passa ser de desespero e Warren pede ao amigo para fechar a laje e abandonar o local. “– Malditas sejam essas coisas infernais –

²³ “Muitos membros do CCRU haviam fugido dos estudos culturais, revoltados com seus preconceitos autoritários, seu amor pela ideologia e seu desejo pomposo de “representar o outro” ou falar em nome dos oprimidos. Para nós, nunca pareceu que a articulação real das elites acadêmicas de esquerda fosse de alguma forma superior aos modos de expressão cultural popular que foram ignorados ou tratados como matéria-prima a ser investigada por um significado “verdadeiro” (isto é, ideológico) por intelectuais brancos de classe média” (CCRU, 2001).

Legiões – Meu Deus – Safe-se – Safe-se” (LOVECRAFT, 1973, p. 7-15). Land em dado momento se deu conta de que algo sussurrava nas sombras do capital e passou a ser o pensador que amplificou o som da coisa em si da aceleração capitalista?

Os comentadores se dividem em suas respostas. Há que os consideram a filosofia de Land como a filosofia do próprio capital; há os que veem sua filosofia como um diagnóstico virulento deste capitalismo em que o filósofo está dentro pela total impossibilidade de se estar fora (no cerne da imanência do realismo capitalista), há os que, de certa maneira, veem na afirmação absoluta do capitalismo e das máquinas um anti-humanismo radical que, no cume do desespero, deseja a eliminação da humanidade e compõe uma ode ao capital e às máquinas como um artifício retórico, mas que ao fim e ao cabo também seriam extintos com o próprio planeta. Land, assinalam Mackay e Brassier (2011, p. 2) liga “o eros dessublimado ao tãato sintético a fim de acelerar a obsolescência da humanidade”. E há ainda os que preferem fechar a laje do sepulcro como aquela aberta por Carter e Warren. – “Warren, está aí? Em resposta, ouvi a *coisa* que provocou esta amnésia em meu espírito. Não posso, meus senhores, tentar traduzir-vos essa *coisa*, essa voz, assim como não posso arriscar-me a descrevê-la em pormenor, visto que as suas primeiras palavras me arrancaram à consciência e me atiraram para uma espécie de vazio mental que só viria a cessar ao acordar no hospital. Dir-vos-ei que a voz era profunda, surda, gelatinosa, longínqua, sobrenatural, desumana, desencarnada? Foi o fim da minha experiência e é o fim da minha história” (LOVECRAFT, 1973, p. 15). Land, argumenta Mark Fisher, ultrapassa as formas apriorísticas espaço-temporais e categoriais que circunscrevem as condições de possibilidade de experiência. “Eu quero falar sobre os problemas em torno do conceito de experiência. (...) Você pode traçar isso de volta a Bataille, o tipo de busca impossível de experimentar não só o máximo intenso, mas além disso, a busca de experimentar a partir de uma posição onde a própria experiência não é possível; ou seja, a morte, a morte em si como o limite” (FISHER, 2014, p. 91).

Diante da proliferação de múltiplas e paradoxais posições a respeito da filosofia de Land, procurar um único sentido, ou imputar-lhe um único sentido, pode revelar mais sobre o leitor do que sobre a própria filosofia landiana. De fato, Nick Land, ou o que quer que seja que se diz através de seus textos opera com uma multiplicidade vertiginosa e veloz de conceitos, torcidos e retorcidos, da filosofia moderna e contemporânea, descobertas da ciência e especulações numênicas.

Para esta filosofia não importa uma total correlação do que é informado no presente com as grandes narrativas da história, mas a produção de “estados de excitação histórica” cujos efeitos aceleram o aparecimento do que já está em processo de aparição.

Quanto mais esses cenários cibernéticos de ficção científica estiverem em jogo, mais certos tipos de excitação histórica estão operantes. As pessoas tentam se proteger e pensar umas sobre as outras, mas na verdade é uma forma de estímulo do processo. O Sistema de Segurança Humana é estruturado através de ilusões. O que está sendo protegido ali não é alguma coisa real que é a humanidade, é a estrutura da identidade ilusória. Assim como, no nível mais micro, não é que os humanos enquanto organismos estão sendo ameaçados por robôs, é mais sua auto-compreensão enquanto organismos que se torna algo que não pode ser mantido para além de um certo limiar de inteligência em ambiente de rede (LAND, 2017b).

Diferentemente das produções dos anos 90, em que Land parecia colado à transformação da cibernética (*feedback positivo*), explosão da inteligência artificial, enfim, ao logos da singularidade tecnocapital, em manifestações mais recentes, como a acima citada, Land insinua que aqueles cenários, esboçados em textos como *Circuitries* (1992) quando, além do pensamento sobre a técnica, especulava-se se também a possibilidade da técnica mesma pensar, já são efetivos. Há quase três décadas dizia Land que

pode ainda levar algumas décadas antes que as inteligências artificiais superem o horizonte das biológicas, mas é absolutamente supersticioso imaginar que o domínio humano sobre a cultura terrestre ainda está demarcado em séculos, quanto mais em alguma perpetuidade metafísica. A alta estrada para o pensamento há muito não passa pelo aprofundamento da cognição humana, mas sim através do devir inumano da cognição, uma migração da cognição para dentro do reservatório emergente de tecno-senciência planetária, para dentro de “paisagens inumanizadas... espaços esvaziados”, onde a cultura humana será dissolvida (LAND, 2011a [1992], p. 293, tradução nossa) 24.

²⁴ It might still be a few decades before artificial intelligence surpass the horizon of biological ones, but it is utterly superstitious to imagine that the human dominion of terrestrial culture is still marked out in centuries, let alone in some metaphysical perpetuity. The high road to thinking no longer passes through a deepening of human cognition, but rather through a becoming inhuman of cognition, a migration of cognition out into the emerging planetary technosentience reservoir, into “dehumanized landscapes ... emptied spaces” where human culture will be dissolved (LAND, 2011a, p. 293).

Hoje, Land, vivendo em Xangai, entre algo como a possibilidade do que prefigurava no *Meltdown* (“planetary china-syndrome, dissolution of the biosphere into the technosphere, terminal speculative bubble crisis, *ultravirus*”), a realidade da pandemia do sars-cov2 e a influência dela sobre a existência e o trabalho humano em larga medida sendo operado através de dispositivos informáticos, aparenta, ou ao menos simula, não estar direta (como alguém que dá golpes de martelo) ou indiretamente implicado em fazer manifestar alguma coisa escondida desde uma região que os limites transcendentais da experiência não davam a possibilidade de experiência, não necessariamente melhor, mas em uma posição recuada de alguém que agora apenas acompanha as tendências e narrativas sobre a escalada tecnológica²⁵, na expectativa de presenciar o sublime dinâmico da catálise final, para realizar um antigo desejo catastrófico de “destruir a humanidade até o último fio de cabelo”.

Neste vertiginoso tempo retorcido, prefigurado pelas elucubrações aceleracionistas, durante o qual o desaparecimento da humanidade é posto em jogo, eros e tanatos se enroscam, aceleracionistas de espectros divergentes e decrescentistas se enfrentam na imanência do desejo de acabar com o que resta do humano, uns para salvar o mundo – ou os mundos – da catástrofe do mundo do homem, outros para lançar, o mais rápido possível, e sem pensar muito em outros mundos já presentes neste, o mundo do homem da catástrofe da fusão do mundo e da inteligência artificial, em que o capital passa a existir em si e para si.

O último caso é o de Land que, como dizem MacKay e Brassier (2011, p. 4), faz “imersão a teoria diretamente no turbilhão da modernidade capitalista”, sem fazer, no entanto, um canto de glória à manutenção deste estado de coisas, mas operar agenciamentos obscuros, aniquilar a metafísica antropocêntrica que o inspira. “O término capitalizado da civilização antropeide será visto como o gatilho primitivo para um maquinismo pós-biológico transglobal” (LAND, 2011a, p. 297, *tradução nossa*)²⁶.

²⁵ Como apontam certas postagens no seu blog *Urban Future*, como esta, em que ele debate uma das últimas declarações públicas de Stephen Hawking, “dinâmicas explosivas já são evidentes na trajetória de desenvolvimento da IA, que está sofrendo uma aceleração, guiada por uma “corrida armamentista de TI, alimentada por investimentos sem precedentes e se embasando em uma fundação teórica cada vez mais madura” (LAND, 2019).

²⁶ No original: “The capitalized terminus of anthropoid civilization (‘axiomatics’) will come to be seen as the primitive trigger for a transglobal post-biological machinism, from a future that shall have still scarcely begun to explore the immensities of the cybercosm. Overman as cyborg, or disorganization upon the matrix” (LAND, 2011, 297).

Parece ser uma premissa maior e fundamental do pensamento landiano que a atual fase do capitalismo não se caracteriza apenas pela total submissão do trabalho vivo pela maquinaria, situação em que, como dizia Marx, “o trabalhador aparece como supérfluo desde que sua ação não seja condicionada pelas necessidades [do capital]”, mas também pela necessidade, cada vez mais evidente, da aniquilação do Sistema de Segurança Humano como condição de sua própria superação. Contra a posição moral dos possíveis efeitos maléficos da explosão da I.A. sobre a humanidade, Land a afirma radicalmente, muito embora não como fim em si mesmo, mas como processo, em si e para si, em direção ao tecnocosmo. Sua filosofia explica, da perspectiva do perigo, o processo em curso de extinção planetária, ou melhor, de desaparecimento do planeta apreendido pela perspectiva antropocêntrica, iniciado a partir do momento em que a Terra, que passava por grandes mudanças técnicas e epistêmicas, fora capturada e deveio progressivamente “Cyberia”, campo de replicação da singularidade tecnocapital e plataforma onde se prepara o lançamento para a colonização do cosmos e a sua transformação em tecnocosmo. A ficção que, hipersticionalmente, se faz real distorce o passado e estranhamente contorce o futuro.

REFERÊNCIAS:

- BAUDRILLARD, J. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BERGER, E. *Underground Streams: A Micro-History of Hyperstition and Esoteric Resistance*. Abril de 2017. Rizosfera – Series of Books – The Strong of the Future. Disponível em <https://monoskop.org/images/0/00/Edmund_Berger_Underground_Streams.pdf>. Acesso em 23 de Outubro de 2020.
- CCRU. “Communique One: Message to Simon Reynolds”. *Cru* [Site], (1998a). Disponível em: <[http://www.cru.net/id\(entity\)/communiqueone.htm](http://www.cru.net/id(entity)/communiqueone.htm)> Acesso em 23 ago. 2018.
- CCRU. “Swarmachines”. *Cru* [Site]. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20130621022804/http://www.cru.net/swarm1/1_swarm.htm>. Acesso em 20 Out 2020
- CCRU. “Cybernetic culture research unit Glossary”. *Cru* [Site], 1998b. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20120801135507/http://www.cru.net/identity.htm>>
- CCRU. “Communique Two: Message to Maxence Grunier”. *Cru* [Site], 2001. Disponível em: <[http://web.archive.org/web/20120731223416/http://www.cru.net/id\(entity\)/communi-quetwo.htm](http://web.archive.org/web/20120731223416/http://www.cru.net/id(entity)/communi-quetwo.htm)>

- CCRU. "Lemurian Time War". *Ccru Writings 1997-2003*. Time Spiral Press, 2015.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L.Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011. 2ª edição.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. v.3. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. "Sobre o capitalismo e o desejo [1973]". In: *A Ilha Deserta e Outros Textos*. Organização e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- FISHER, M. "Mind Games". *Dazed* [Site]. Jun. 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games> Acesso em 26 Out. 2020.
- FISHER, M. "Practical eliminativism: getting out of the face, again". In: *Speculative Aesthetics*. Urbanomic, 2014.
- _____. "Terminator vs. Avatar: Notes on Accelerationism". In: MACKAY, R. & AVANESSIAN, A. (Orgs). #Accelerate. Urbanomic, United Kingdon, 2014.
- GARTON, V. "Excavating the origins of accelerationism". *Cyclonotrope* [Blog]. 22. Jul. 2017. Disponível em: <https://cyclonotrope.wordpress.com/2017/07/22/excavating-the-origins-of-accelerationism/>. Acesso em: 14 Out. 2020.
- HIGA, P. "Meltdown e Spectre: as falhas que afetam quase todos os processadores do mundo". *Tecnoblog*. Jan. 2018 Disponível em: <https://tecnoblog.net/231300/meltdown-spectre-intel-amd-arm-falha-processadores/> Acesso em 23 Ago. 2018.
- HUI, Y. "On the Unhappy Consciousness of Neoreactionaries". *E-flux Journal*, 81, Abr. 2017. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/81/125815/on-the-unhappy-consciousness-of-neoreactionaries/>. Acesso em 23 Jun. 2020.
- LAND, N. "Desejo Maquínico" (1993). In: MacKay, R. & Brassier, R. (eds). *Fanged Noumena: Collected Writings of Nick Land 1987-2007*. Urbanomic, 2011.
- _____. "Circuitries" (1992). In: MacKay, R. & Brassier, R. (eds). *Fanged Noumena: Collected Writings of Nick Land 1987-2007*. Urbanomic, 2011a.
- _____. "Origins of the Cthulhu Club" (1998). In: MacKay, R. & Brassier, R. (eds). *Fanged Noumena: Collected Writings of Nick Land 1987-2007*. Urbanomic, 2011b.
- _____. "Meltdown". *Abstract Culture 1 (first swarm)*, 1997. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20120408210441/http://www.ccru.net/swarm1/1_melt.htm > Acesso em 11 set. 2019.
- _____. *Hyperstition: An Introduction. Delphi Carstens Interviews Nick Land*. Orphan Drift [Site], 2009. Disponível em: < <http://www.orphandriftarchive.com/neo-future/delphi-carstens-hyperstition-tedx/> > . Acesso em 23 de Outubro de 2020.
- _____. "Shoggoth Materials". *Hyperstition* [blog], 2005. Disponível em: <<http://hyperstition.abstractdynamics.org/archives/005149.html>> Acesso em 11 set. 2019.
- _____. *The Urbanatomy Shanghai World Expo Guide 2010*. Urbanatomy, 2010.

- _____. “Teleoplexy: Notes on Acceleration”. In: Mackay, R. & Avenessian, A. (eds). *Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth: Urbanomic, pp. 509-520, 2014.
- _____. “A Quick-and-Dirty Introduction to Accelerationism”. *Jacobite*, 25 Mai. 2017. Disponível em: << <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/> >>. Acesso em 23 ago. 2018.
- _____. “A Única Coisa que Eu Imporia É a Fragmentação – Uma Entrevista com Nick Land”. *Xenosistemas* [Blog], 2017b. Disponível em: <https://xenosistemas.wordpress.com/2017/07/18/a-unica-coisa-que-eu-imporia-e-a-fragmentacao-uma-entrevista-com-nick-land/>. Acesso em 23 de Outubro de 2020.
- _____. Ideology, Intelligence, and Capital: An Interview with Nick Land. *Vast Abrupt* [Site], 2017c. Disponível em: < <https://vastabrupt.com/2018/08/15/ideology-intelligence-and-capital-nick-land/> >. Acesso em 23 de Outubro de 2020.
- _____. “Gnon e Ooon. Outlandish”. *Xenosistemas* [blog], S/d. Disponível em: <<https://xenosistemas.wordpress.com/2016/08/27/gnon-e-ooon/>> Acesso em 11 set. 2018.
- _____. & CCRU. “Swarmachines”. *Ccru* [Site], (1997b). Disponível em: < https://web.archive.org/web/20120408233034/http://www.cru.net/swarm1/1_swarm.htm > Acesso em 11 Set. 2019.
- _____. ; PLANT, S. “Cyberpositive” [1994]. In: #Accelerate. *The Acceleracionist Reader*. 2014.
- _____. “Prontidão para o Impacto”. *Urbano Futuro* [Versão em português do *Blog http://www.uf-blog.net/*]. Out. 2019. Disponível em: <https://urbanofuturo.wordpress.com/2019/10/15/prontidao-para-o-impacto/> Acesso em 29 Out. 2020.
- LOVECRAFT, H. P. “O depoimento de Randolph Carter”. In: *Os demônios de Randolph Carter*. Trad. Jorge Silva Melo. Estampa, Lisboa, 1973.
- _____. “O chamado de Cthulhu”. In: *Os Mitos de Cthulhu*. Campanário: Londrina, 1999.
- MARX, K. “Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política”. In: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Editora Expressão Popular, São Paulo, 2008.
- _____. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.
- _____. ; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. Boitempo Editorial, São Paulo, 2007.
- MACKAY, R.; AVENESSIAN, A. #ACCELERATE: *The Accelerationist Reader*. Urbanomic, 2014.
- MACKAY, R. & BRASSIER, R. “Editor’s Introduction”. In: *Fanged Norumena: Collected Writings of Nick Land 1987-2007*. Falmouth: Urbanomic, 2011.
- NOYS, B. *The Persistence of the Negative. A Critique of Contemporary Continental Theory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- _____. *Malign Velocities. Accelerationism & Capitalism*. Zero Books, 2014.

- ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. Tradução: Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SANDIFER, Elizabeth. *Neoreaction a Basilisk: Essays on and Around the Alt-Right*. Eruditorum Press, 2017.
- WARK, M. "On Nick Land". Verso [Site]. Jun. 2017. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/3284-on-nick-land> Acesso em: 28 Out. 2020.
- WILLIAMS, A.; SRNICEK, N. "#Accelerate: Manifesto for an Accelerationist Politics". In: Mackay, R.; Avenessian & A. (eds). *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth: Urbanomic, p. 347-62, 2014.
- WIRTZ, F. "Yuk Hui y la pregunta por la cosmotécnica". *Caja Negra* [Site]. Disponível em: <https://cajanegraeditora.com.ar/blog/yuk-hui-y-la-pregunta-por-la-cosmotecnica/> Acesso em: 28 Out. 2020.